Entrevista

Concedida a Patrícia Carvalho

CORTESIA DA EDITORA DA FUNDAÇÃO CETÚLIO VARGAS

"O produtor brasileiro de leite é competitivo"

Um dos responsáveis pela iniciativa de apresentar ao governo o SOS Leite, Jorge Rubez acredita que 1998 será um ano de mudança de rumos para a pecuária leiteira no Brasil.

Há sete anos à frente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite B, agora denominada Leite Brasil, Jorge Rubez é o que se pode chamar de um "homem do leite". Neto e filho de produtores leiteiros, ele se formou em engenharia no Mackenzie, em São Paulo, embora tenha pensado a princípio em ser veterinário. O instinto de liderança começou quando o pai pediu que ele tomasse conta da fazenda. Daí para frente seus caminhos ficaram definitivamente ligados aos do setor leiteiro. E ele não se arrepende. Hoje, lutando para que problemas históricos do setor sejam resolvidos, Rubez afirma que o produtor brasileiro de leite é tão competente quanto o de países como Argentina e Nova Zelândia. "O que acontece é que lá eles produzem com maiores incentivos e em melhores condições", explica, lembrando que a produtividade brasileira não pode ser medida como atualmente. "O IBGE considera produtor de leite qualquer propriedade que produza pelo menos um litro por dia. Com isso temos 1,3 milhão de produtores de leite e a grande maioria não é profissional. Isso nos dá uma média distorcida de produtividade", ressalta.



Rubez: o governo comeu bola *permitindo as importações de leite.*

■ *Por que a mudança no nome da Associação Brasileira dos Produtores de Leite B para Leite Brasil?*

— Porque agora a entidade representa não só os produtores de leite B, mas todo o setor produtivo de leite. E aconteceu por iniciativa do próprio setor. No fim do meu primeiro mandato, há cerca de dois anos, recebi um abaixo-assinado dos cooperativados do sistema Paulista para que eu continuasse no cargo e transformasse a Associação do Leite B numa entidade que defendesse todos os produtores, porque com a abertura de mercado e uma série de problemas que vinham acontecendo o setor precisava de uma entidade forte que o representasse. Ao todo 36 cooperativas do sistema Paulista assinaram o pedido, junto com várias outras cooperativas independentes. Depois de conversar com a diretoria da associação, acabei ficando à frente da nova entidade, batizada de Leite Brasil. Essa entidade atualmente representa os produtores de leite, sejam eles de leite B, A, C e até longa vida, apesar de haver uma associação de leite longa vida, porque nós representamos hoje o produtor e não as categorias ligadas ao produto final.

■ *A produtividade brasileira ainda é baixa. Por quê? Como estão os avanços nesse aspecto?*

— No Brasil não temos estatísticas muito criteriosas. Temos algumas que misturam gado de leite com gado de corte. O rebanho leiteiro acaba sendo contado junto com gado mestiço e gado de corte. Por estas estatísticas, temos uma média distorcida. Não estou dizendo que tirando estas distorções nossa média seja boa. Não é. Mas principalmente entre os produtores profissionais temos uma média igual à da Europa, entre 500 e 700 litros/dia por produtor. Ou seja, esses produtores especializados têm vacas que tiram 17 a 18 litros por dia. A média de produtividade que as estatísticas oficiais apresentam é distorcida porque quando englobam os produtores não especializados a média brasileira cai para 50 litros/dia por produtor, ou seja 2,5 a 3 litros/dia por vaca. Vem ocorrendo um progresso, porque a nossa produção tem aumentado de 6% a 8% ao ano e não são os produtores não especializados que estão fazendo isso acontecer. Os pequenos produtores, que representam 60% do total de propriedades consideradas leiteiras, respondem apenas por 10% da produção nacional, que hoje é de 21 bilhões de litros/ano. E acho que ainda podemos crescer mais, até para atender à nossa demanda. Para isso precisaríamos de 2 bilhões de litros/ano a mais para suprir as necessidades do país. E podemos conseguir isso mediante o aumento da produtividade.

■ *Países como Nova Zelândia, Austrália e Argentina já alcançaram altos padrões de quali-*

dade e produtividade. O Brasil tem como alcançar padrões semelhantes dentro dessa nova realidade?

— Se tivéssemos as mesmas condições de produção desses países, com menos impostos, incentivo à compra de insumos etc., é evidente que teríamos como produzir nos mesmos padrões que eles. Mas no Brasil, 30% do preço do produto são impostos. Para comprar um implemento agrícola aqui paga-se uma fortuna, quando na Argentina o mesmo implemento sai pela metade do preço. Essas desigualdades existem em função de regras e condições de produção diferentes e não de maior competência para produzir. Se separarmos aqueles que são produtores de leite dos que não são, ficaremos nos mesmos patamares de produtividade. Nossa média de produção de 50 litros representa 60% dos produtores, que respondem por 10% da produção. Se tirarmos esses 60%, ficaremos apenas com os produtores especializados e aí teremos uma média de produção próxima à de países como a França ou da própria Argentina. Claro que estamos longe da produtividade dos Estados Unidos, Israel ou Dinamarca, próxima de 28 litros diários por vaca. Mas somos altamente competitivos.

■ *Quantos produtores existem atualmente no Brasil?*

— O IBGE considera produtor toda fazenda que tira pelo menos um litro de leite por dia. Nesse caso, temos 1,3 a 1,4 milhão de fazendas que produzem leite no país. Mas se excluirmos aqueles que tiram um ou dois litros por dia, esse número cai para 800 mil produtores. Um número muito elevado. Os pequenos produtores não têm na atividade leiteira sua principal atividade econômica. Se fizermos uma conta simplória sobre um produtor de 50 litros por dia, que é a média nacional, e considerarmos que ele receba R$0,25 por litro e que lucre 20%, o resultado é um ganho de R$75,00 por mês. Esse produtor, portanto, não vive do leite. Não depende do leite para continuar no campo.

■ *Os custos dos produtores especializados brasileiros têm baixado?*

— O custo de produção na Argentina está entre R$0,22 e R$0,23. Se além disso considerarmos que eles recebem pela proteína, pelo frio, pela produtividade, volume etc., concluímos que os produtores brasileiros são bastante competitivos, porque aqui produzimos em condições bem menos favoráveis. Eu diria que é muito difícil reduzir o custo de um produtor especializado no Brasil para além de R$0,30 ou R$0,31 por litro de leite de boa qualidade. Qualidade tem um custo, não vem de graça.

■ *No Brasil não há diferenciação nos preços pagos por fatores como leite resfriado ou proteínas?*

— Aqui algumas usinas estão começando a pagar pelo leite resfriado, mas ainda estamos engatinhando. Algumas usinas já estão pagando de R$0,32 a R$0,35. Mas nem todas pagam esse diferencial. Quanto ao pagamento por proteínas, o produtor brasileiro não recebe nada. Algumas usinas pagam um diferencial pelo volume, pela contagem global, uma diferenciação basicamente entre o leite B e o C. Atualmente um produtor especializado pode ganhar na escala, mas ainda assim é muito pouco frente aos custos.

■ *Como é a cadeia produtiva do leite?*

— A cadeia produtiva do leite tem como elo inicial o produtor. Se formos para o setor cooperativado, temos como próximo elo o carreteiro, que é quem vai apanhar o leite. O leite é levado para as cooperativas, que empacotam ou envazam, vendem na região, ou então mandam esse leite para a central. Entre as cooperativas e as centrais há um segundo frete, e ambos são cobrados do produtor. Com a indústria não é muito diferente. O produtor vende por um preço que ela determina. E muitas vezes vende o leite em consignação por um mês ou 15 dias e quando vai receber recebe menos porque a indústria alega que não deu para vender por mais. É um sistema arcaico de comercialização. Temos que acabar com essa história de consignação. Temos que ter um sistema de parceria, de contrato junto às indústrias e às cooperativas.

■ *Mas já se pode falar de discussões conjuntas dentro da cadeia produtiva? O setor tem discutido seus problemas?*

— No sistema cooperativado é um pouco mais fácil. Na indústria é mais difícil, porque são oligopólios que atuam de forma autoritária e que conversam muito entre si, mas não com os produtores. Na verdade o produtor não tem muito como intervir na questão dos preços.

■ *E com o SOS Leite, o setor teve oportunidade de discutir seus problemas?*

— O SOS Leite foi fruto de uma mobilização muito forte, na qual se uniram Leite Brasil, CNA, federações e um movimento político. Esse movimento foi iniciado por nós, os produtores. E com esse grupo começamos a sensibilizar a Comissão de Agricultura. Promovemos audiências públicas em todo o Brasil para ouvir produtores e iniciamos um trabalho muito forte na base. Unimo-nos a alguns deputados e levamos ao conhecimento do presidente da República os problemas do setor. Fizemos várias reivindicações e elas passaram a ser encaradas como problemas sérios. Conseguimos sensibilizar o governo para questões como prazos de pagamento para se importar leite. Conseguimos voltar a 30 dias em vez dos 500 que estavam sendo dados para a importações com financiamento. Conseguimos colocar em pauta a valoração aduaneira, pela qual se determina o valor do imposto que se tem que pagar como se fosse uma cota mínima. Muitas vezes o importador tira a nota a menor e por conseqüência paga um imposto menor, pelo valor da nota. Com a valoração não importa o valor da nota, porque já há um imposto específico a pagar. O SOS Leite está aprovado pelo Ministério da Agricultura e já foi entregue um documento no último dia 27 de maio ao presidente da República. É um documento enorme, que será nossa bíblia daqui para a frente e que representa várias conquistas. Agora só falta a aprovação da Câ-

É muito difícil reduzir *o custo de um produtor especializado no Brasil para além de R$0,30 ou R$0,31 por litro de leite de boa qualidade. Qualidade tem um custo, não vem de graça.*

mara, mas tenho certeza de que o projeto vai passar.

■ *Que outros problemas foram contemplados pela ação do SOS Leite?*

— Posso citar a anuência prévia. Os importadores de leite vão ter que passar pela Inspeção Federal, do Ministério da Agricultura, para que seja verificado quem está comprando e quem está vendendo esse leite e se ambos estão dentro das condições higiênico-sanitárias. Pedimos ainda financiamento para resfriadores, para formar pastagens, normas de produção, uma política definida para o leite, enfim.

■ *Está havendo concentração no sistema cooperativista?*

— Sim, há algum tempo tínhamos nove centrais e hoje temos duas ou três. Isso aconteceu porque, a partir dos anos 90, multinacionais como a Parmalat entraram comprando postos e instalações do setor cooperativado. Aconteceu também por causa da má administração de algumas cooperativas, que antes não tinham concorrência, só preços tabelados.

■ *Por quanto tempo o preço do leite foi tabelado?*

— Por 50 anos. Há apenas cinco estamos com os preços livres. E as cooperativas sentiram muito isso. Houve um descompasso muito grande entre um pessoal completamente primário para administrar e outras cooperativas que tinham pessoas muito competetentes. E ocorreu no cooperativismo em geral e não só no caso do leite. Antes não tínhamos abertura de mercado, competição. E aqueles que não acreditaram e continuam não acreditando, como algumas cooperativas, que a Parmalat ou a Fleishmann Royal fossem chegar e tomar mercado; os que continuaram a acreditar que as cooperativas eram abençoadas e intocáveis, morreram ou vão morrer muito brevemente.

■ *No caso das centrais, cada cooperativa filiada tem sua administração própria? Como elas estão se posicionando junto ao Reecop?*

— Hoje temos cerca de 350 cooperativas de leite, para se ter uma idéia. Cada cooperativa é independente. E este é o ponto crítico atualmente. Porque em cada cooperativa se tem pelo menos sete diretores, não sei quantos vice-presidentes e isso significa um custo operacional muito grande. É necessário enxugar esses custos. Essas questões vêm sendo discutidas dentro do Reecop. Tem que haver uma adequação e cada cooperativa tem que começar a procurar o interesse maior que é o lucro, como fizeram as multinacionais. Vieram para cá e enxergaram as coisas pelo vidro dianteiro e não pelo retrovisor. Fusões e maior concentração vão acontecer inevitavelmente. Não nas centrais. As que sobraram estão profissionalizadas. Mas entre as cooperativas filiadas ou independentes há muitas ainda disputando espaços muito próximos. E para entrar no Reecop, se não se provar que a cooperativa é viável, que vai ser profissionalizada, os recursos não saem.

■ *Nos principais países produtores de leite, o sistema cooperativista é muito forte ou a globalização está mudando esse cenário?*

— É muito forte nos países produtores. Mas o atual cenário de globalização e alta competitividade não está afetando muito o sistema, até porque na maioria dos países produtores já houve um processo de concentração e de adequação. As cooperativas que ficaram se profissionalizaram. Nos Estados Unidos, por exemplo, elas não fazem transformação. Vendem para as indústrias, e são muito fortes.

Os que não acreditaram *que a Parmalat ou a Royal fossem chegar e tomar mercado, ou acharam que as cooperativas eram abençoadas e intocáveis, morreram ou vão morrer muito brevemente.*

■ *Mas, no caso do Brasil, agregar valor ao produto através das cooperativas é interessante?*

— É interessante se fizerem bem feito. Se não, quebram. Vamos pegar o caso da Nestlé, uma empresa multinacional que atua no mundo inteiro. Ela administra seus postos de captação, e estes podem ser comparados a uma cooperativa filiada a uma central. Qual a diferença? A administração. Estes postos têm quatro ou cinco empregados, um custo operacional baixíssimo etc. É assim que as cooperativas têm que aprender a administrar, de forma racional. Porque a Nestlé sabe que ter um posto de captação aqui e outro a cinco quilômetros não é racional. Então ela fecha um posto. É simples.

■ *O surgimento do leite longa vida afetou muito o mercado do leite?*

— Mudou muito o cenário. Canibalizou demais o leite pasteurizado, comeu mercado, e hoje vende mais que o pasteurizado. Mas o longa vida não fez nenhum milagre. Simplesmente teve uma estratégia de mercado. Pagou mal ao produtor para poder acertar o posicionamento e mudou hábitos. E nessa mudança de hábitos o setor do leite pasteurizado não fez nada para acertar seu posicionamento, ou para se reposicionar. O longa vida, por ter maior durabilidade fora da geladeira, se firmou como um produto muito prático. A dona-de-casa aderiu. No Brasil o leite longa vida já tem mais de 50% do mercado.

■ *Procedem as denúncias de importação de leite em pó subsidiado, através de operações triangulares via Uruguai e Argentina? Que providências estão sendo tomadas para coibir esta prática?*

— As denúncias têm fundamento. A triangulação funciona da seguinte forma: a Argentina, por exemplo, compra um leite subsidiado da União Européia, e como a tarifa externa comum da Argentina é de 16% e a nossa é de 33%, e da Argentina para cá é zero, ela compra da Europa, processa, coloca na sua embalagem e vende para o Brasil. Isso é triangulação. É *dumping*. É contra as normas da OMC. Já fizemos um levantamento, colhemos provas e fizemos uma denúncia de *dumping* contra a Argentina. Já foi protocolada e está na Secretaria de Comércio Exterior. O problema é que é um processo demorado. Há muita burocracia e para provar, não basta denunciar.

■ *Quanto tempo demorou a busca de provas?*

— Para reunir as provas e apresentar o caso demoramos quase um ano. Agora que já foi protocolado, se a Secretaria de Comércio Exterior decidir que nós temos razão, ela pode impor uma

tarifa provisória. A próxima etapa é o governo levar o problema à OMC. E aí é o governo brasileiro quem está discutindo o assunto, não nós, os produtores.

■ *No Mercosul, como o senhor avalia a atuação do governo brasileiro? Os acordos prejudicaram a competitividade de setores como o de leite?*

— O governo de certa forma *comeu bola*, como se diz. E isso porque Argentina e Uruguai já tinham vivência como exportadores. Nós não tínhamos essa vivência. Eles produziam mais do que consumiam, então tinham que exportar. Eles tinham um *know how* que o Brasil não tinha. O Brasil sempre foi importador de leite. Então na época o governo achou que quanto mais barato o leite entrasse aqui melhor para a sociedade. Só que esqueceu que isso causaria desemprego no setor, que haveria sacrifícios para o setor. Com o tempo, governo e nós mesmos fomos aprendendo as regras do jogo. E hoje é nosso parceiro na busca de soluções para os problemas.

■ *Há um trabalho para normatizar a produção, este trabalho está pronto?*

— Está. Foi solicitado ao ex-ministro da Agricultura, Arlindo Porto, e ficou determinado que deveria ser discutido no âmbito da produção, da usina, o que foi feito com a ajuda de professores, de técnicos e da Embrapa. Agora estamos analisando, para que seja aprovado ainda este ano. A principal função dessa normatização será definir padrões de qualidade. Não se sabe determinar hoje o que é leite. Aquele negócio que fica lá na beira da estrada, no sol, à espera do caminhão passar para pegar depois de duas horas, é leite? Acho que não. Então as normas vão traçar critérios claros sobre isso. Que padrões o leite pode ter, como tem que chegar à usina, que tipo de manutenção teve etc. Outra coisa é a obrigatoriedade de todos os leites serem resfriados, de terem a contagem obrigatoria de bactérias. Essas regras e normas podem ser facilmente colocadas em prática porque já existe a infra-estrutura para fiscalizar isso. Todas as usinas têm laboratórios e um funcionário da Inspeção Federal.

■ *A normatização abre caminho para o pagamento diferenciado por leites de melhor qualidade?*

— Claro. Não podemos querer que um leite de boa contagem global, com um padrão de qualidade enfim que o faça durar 10 dias na geladeira, tenha o mesmo preço do que dura um só dia, porque coalha se ficar na geladeira dois dias. Se não fizermos essa diferenciação, não temos como ter preços melhores. E ao mesmo tempo, sem essa diferenciação nos preços, não dá para ter qualidade, porque qualidade tem custo. É uma mudança nos padrões de produção. Só para dar um exemplo, para se ter um leite de qualidade comprovada é necessário fazer testes de mamite todos os dias. Na prática, isso significa tirar de cada vaca uma canequinha e se na produção de alguma delas houver vestígios de mamite, esse animal tem que ser isolado e seu leite não pode sair da fazenda. Isso significa custos. Outro ponto que implica a qualidade maior ou menor do produto é o da assepsia das tetas da vaca. Fazer higienização antes e depois de cada ordenha. É uma produção trabalhosa, que envolve muita mão-de-obra. E cara.

■ *O padrão de consumo do brasileiro mudou?*

— Após o Plano Real o consumo interno aumentou de 90 para 140 litros *per capita* ano. Foi um aumento substancial, mas é um consumo ainda abaixo daquilo que a Organização Mundial da Saúde recomenda, que é de cerca de 220 litros *per capita* ano. De qualquer forma, o consumidor brasileiro ficou mais exigente. Aprendeu com a abertura de mercado que há opções. Hoje ele tem à disposição queijo da Alemanha, queijo dinamarquês, leite da Argentina com ferro, sem ferro...

O Brasil tem hoje *talvez o melhor rebanho de Jersey do mundo. Do gado holandês temos um rebanho de elite tão bom quanto o Canadá ou Estados Unidos, e isso porque utilizamos os touros bons deles.*

■ *Que elementos ajudaram a aumentar a produtividade dos produtores especializados nos últimos anos?*

— Hoje utilizamos várias técnicas que aumentam a produtividade, como concentrar o gado e utilizar silagem. Em vez de o gado ir à comida, o produtor leva a comida aonde ele está concentrado. Temos também rebanhos semi-intensivos, nos quais o gado é tratado, mas também fica solto no pasto um certo tempo. E há outras técnicas que vêm sendo utilizadas como o pastejo rotativo. Em termos de genética também avançamos muito. O Brasil tem hoje talvez o melhor rebanho de Jersey do mundo. Do gado holandês temos um rebanho de elite tão bom quanto o Canadá ou Estados Unidos, e isso porque utilizamos os touros bons deles. Cresceu muito a utilização da inseminação artificial e isso tem se refletido em rebanhos de ótima qualidade. Mas o que mais influi na produtividade é o manejo, que inclui ração, remédios feitos à base do próprio hormônio da vaca para aumentar a produção, melhoria do uso dos sais minerais, etc. E atualmente temos maquinários que fazem melhor a mistura da ração e novas técnicas de silagem. Temos um arsenal tecnológico respeitável.

■ *Como o senhor está vendo o futuro do setor leiteiro no Brasil?*

— Se o produtor tiver vontade, se fizer com que suas entidades tenham representatividade, se apoiar seus representantes políticos, temos um belo futuro pela frente. Agora, se continuar sendo pouco participativo, nada vai mudar.

■ *Como está a organização política do segmento de leite e derivados no Brasil?*

— O setor nunca teve representação política. Agora estamos conseguindo chamar a atenção do governo para nossos problemas, conseguimos a adesão de alguns deputados para as questões referentes ao setor, quando a bancada agrícola comprou a nossa briga, e foi dessa maneira que conseguimos obter conquistas como o SOS Leite. Mas isso vai depender da resposta que a classe agropecuária vai dar a eles nas próximas eleições. Vamos apoiar estes deputados para a reeleição, vamos divulgar uma lista daqueles que trabalharam por nós. Mas o setor tem que entender a importância de ter representação política e entender que seu apoio e participação são fundamentais para que consigamos avançar.